

AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM AS CATEGORIAS IDEALISTAS E MATERIALISTAS DA HISTÓRIA

Gabriel Humberto Nuñez Palafox *

INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é procurar contribuir na aproximação do sentido/significado que, para o professor de Educação Física, poderia vir a ter a análise histórico-crítica (1) das tendências pedagógicas em sua prática concreta.

A descoberta e sistematização das diversas formas do porquê e como praticar a Educação Física, através dos diferentes períodos históricos de nossa sociedade, representa, sem dúvida, um trabalho científico de enorme contribuição, que precisa avançar no sentido de enunciar e compreender melhor suas relações com as categorias de análise filosófica fundamentais que norteiam as linhas de ação-reflexão-ação do homem na dimensão sócio-pedagógica categorias estas relacionadas (dentro de uma perspectiva de totalidade) com todo o processo de ensino em Educação Física (teoria, métodos particulares, técnicas, instrumentos, etc.).

Assim, o objetivo deste trabalho será procurar relacionar as tendências pedagógicas com o IDEALISMO e o MATERIALISMO, visando levantar subsídios para aprofundamento no estudo desta temática, como um dos meios de análise necessários para superar e transformar a Educação Física praticada na escola pública: acrítica e marginalizada, como produto de uma política, uma pedagogia e uma didática veiculada "oficialmente" pela tecnocracia nacional para manutenção da ordem estabelecida pelas classes dominantes.

APROXIMAÇÃO, IDEALISMO, MATERIALISMO E SUA RELAÇÃO COM EDUCAÇÃO FÍSICA

Partimos do pressuposto metodológico de que,

nas Ciências Sociais e Políticas, não existe neutralidade filosófica. Todas as ações realizadas no marco da sociedade refletem aspirações e valores de uma classe social dominante, e determinados e ligados momentos históricos.

A reflexão sobre a procura de compreensão das finalidades, objetivos, práxis, efeitos psicológicos e sócio-políticos de Educação Física, através de sua história e, particularmente, de nossa própria prática, tem-nos levado, necessariamente, a abordar o tema à luz do problema fundamental da Filosofia, que se refere aos postulados, considerados de base, para explicar a origem e propriedades da matéria: o Idealismo e o Materialismo.

Entendemos o Idealismo e o Materialismo como duas categorias de análise e interpretação da realidade que se diferenciam, em essência, pelo significado/sentido dado à MATÉRIA, ou seja, à natureza em sua totalidade orgânica e inorgânica, incluindo o pensamento e a sociedade com todas as suas relações conflitivas e contraditórias, que a compõem. Neste sentido, partimos da tese de que a Educação Física, na procura de sua legitimação política, tem-se fundamentado, do mesmo modo que outras práticas sociais, no significado/sentido destas duas categorias, intimamente ligadas ao desenvolvimento histórico do ser humano.

Analisaremos, brevemente, o que denominaremos como fase idealista e fase materialista da História, procurando relacioná-las com a Educação Física no Brasil (2).

* Professor do Departamento de Educação Física - Universidade Federal da Paraíba.
 - Licenciado em Educação Física - ESEF - México.
 - Mestre em Educação, Supervisão e Currículo - PUC - São Paulo.

(1) Para maior compreensão sobre o termo utilizado, leia-se o artigo de Demerval Saviani "A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar", in: Pensando a educação, São Paulo, UNESP, p.23-33, 1989.

(2) Para maior conhecimento sobre Idealismo e o Materialismo, leia-se, dentre outros: KORCHE, 1977; LEFEBVRE, 1974.

1 — FASE IDEALISTA

Prática fundamentada na filosofia de Platão e Sócrates, ampliada por Descartes, Hume, Kant, Comte, Spencer, Durkheim e outros, o idealismo passa por diferentes fases de acordo com o desenvolvimento das ciências naturais e das sociedades rumo ao século XX (objetivo, subjetivo e agnosticismo).

Sua característica principal radica no fato de que o universo é composto de idéias que, de uma ou de outra maneira, sempre se antepõem ao real. Em termos gerais, algumas características do idealismo são:

- a) acreditar que o homem está relacionado com uma ordem de fatores bem mais amplos do que os materiais;
- b) encarar a ordem biológica como a expressão física do corpo, criando um dualismo fragmentador e reducionista como exemplos, podemos citar: alma e mente vs corpo, essência vs fenômeno, teoria vs prática, atividade física vs atividade mental, ciência vs filosofia, ciência vs religião etc.);
- c) ignorar as condições de tempo, lugar e interesses humanos e sociais, (determinantes históricos), colocando as falhas (contradições e/ou conflitos do sistema, principalmente a luta de classes), como desajustes ou desvios administrativos, técnicos, espirituais ou naturais, na busca de uma evolução - adaptação - "natural" ao ambiente (reformismo); procura ainda mascarar com isto o real, para encobrir a explicação objetiva de ações provocadas, sua justificativa e efeitos resultantes ao nível social pelos seus defensores políticos, idealizadores (tecnoplaneadores) e, muitas vezes, até, pelos próprios controladores de sua execução.

O reflexo destas características para o processo educacional e científico trouxe como consequência para os planejadores e pesquisadores educacionais:

- a) a perspectiva de considerar as ciências sociais como um fenômeno "cientificista, preconizando uma biologia mecanicista, uma psicologia behaviorista, uma história empírica e uma sociologia descritiva e coisificante" (GOLDMANN, 1980, 16-17) (todas elas estão desligadas de um conhecimento mais profundo da essência dos movimentos sociais e reduzidas a proces-

sos sistemáticos de acumulação de dados e descrição de fatos isolados);

- b) a crença em certas noções do que é absolutamente correto, e de que é possível basear um programa de educação sob o prisma da bondade. O mundo, portanto, para o idealista, é "seu mundo", e sua tendência, a medida de toda e qualquer realidade.

Nesta perspectiva, a prática da Educação Física será permeada por duas vertentes filosófico-pedagógicas - pré-paradigmas, no entender de Manuel Sérgio (3) -, que denominaremos, neste trabalho, como BIOLÓGICO-EVOLUCIONISTA e EMPÍRICO-ANALÍTICA respectivamente.

1.1 — BIOLÓGICO-EVOLUCIONISTA

Esta vertente segue as diretrizes da teoria evolucionista de H. Spencer (1820-1903), adotada por idealistas de cunho republicano, surgidos no interior das escolas militares, e apoiada por médicos (de orientação positivista).

Suas diretrizes seriam utilizadas como argumento para rejeitar as bases do pensamento imperial, implantar a República e favorecer ao desenvolvimento da sociedade urbano-industrial.

A tendência biológico-evolucionista se concretiza no mundo inteiro nos meados do século XVIII, e vai até o século XX, mudando de acordo com os avanços do capitalismo. Sua ideologia dominante é o progresso da ciência.

Spencer é considerado um dos últimos associacionistas, desde o ponto de vista psicológico, e também um "agnosticista" quando abordado pela ótica da filosofia crítica (4).

A partir de sua teoria sociológica da evolução (que Lucien Goldmann 1980, 28 afirma não passar de um programa desprovido de qualquer investigação concreta), Spencer contribui fortemente para reintegrar as Ciências Sociais no campo do empirismo, advogando um individualismo extremo e definindo o Estado como um instrumento regulador do "organismo Social", sujeito às mesmas leis dos corpos vivos.

Na Educação Física, observamos, na literatura, a descrição e crítica de duas tendências pedagógicas denominadas HIGIÊNICA e EUGÊNICA, que, de acordo com nossa análise, seguiram os princípios da vertente biológico-evolucionista.

(3) "Todavia, dado que a ciência da motricidade humana tem as condições necessárias para nascer, isto é, porque uma revolução científica (Kuhn) se anuncia nesta área de conhecimento (...) é tempo de caminhar para uma ciência normal que desafie as premissas da fase pré-paradigmática de que a Educação Física, desde Ling, Amoros e Jahn, ainda não se libertou..." (SÉRGIO, 1990, 75).

(4) Doutrina criada por Hume e Kant no século XVII, tendo seu apogeu em meados do século XIX. Teoria idealista, cética e reacionária, que prega a idéia de que o mundo é incognoscível, isto é, que não pode ser conhecido pelo cérebro humano (ENGELS, 1980, 8).

A TENDÊNCIA HIGIÊNICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA predomina no período de 1860 a 1930, aproximadamente. Princípios da medicina social-conservadora-liberal são aplicados à sociedade como normas e valores de comportamento, em função dos altos índices de mortalidade infantil, de precárias condições de saúde dos adultos, da necessidade de exterminar a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais, e, finalmente, de reforçar a estereotipação do comportamento masculino e feminino. Neste período pode ser observado, também, um particular interesse da classe dominante em utilizar certos princípios desta concepção de caráter higiênico, para modificar os hábitos da população negra, visando identificá-la socialmente "com a camada branca dominante".

A TENDÊNCIA EUGÊNICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA vigora durante o período de 1930 a 1964, e, sem desaparecer totalmente na atualidade, enfatiza a reprodução de valores tais como a superioridade da raça, coragem, vitalidade, heroísmo, nacionalismo etc. Objetiva, através da disciplinarização do corpo físico, do intelecto, da moral, e da sexualidade (militarização do corpo), "multiplicar os indivíduos brancos politicamente adeptos da ideologia nacionalista, para justificar a necessidade de gerar uma população forte e sadia para defender e construir a pátria (capitalista dependente).

Nessa perspectiva, o esporte seria capaz de suprir falhas dos processos de seleção racial e formar elites representativas para servir à pátria, elites essas que deveriam defendê-la dos perigos "externos" causados pelos conflitos mundiais e "internos" — estes últimos voltados para o atendimento dos princípios da segurança nacional, a partir da década de 30, contra qualquer tentativa "comunista" de "desestruturação" da ordem sócio-econômica (capitalismo industrial-dependente) constituída.

As propostas particulares de prática da Educação Física, que permearam o plano da vertente biológico-evolucionista, seriam representadas: a) pelas ginásticas médicas, através do método sueco de Ling (1776-1839) e seguidores; b) no campo das ginásticas militares de caráter naturalista, pelo método alemão de Jahn (1810, na Europa; 1860, no Brasil); c) pelo método francês de Georges Hebert (1906, na Europa, e de 1907 até os anos 50, no Brasil); d) pelo escotismo de Baden-Powell na Inglaterra; e) pelo sistema Neuendorf, utilizado pela Alemanha nazi, fundamentado na ginástica da Jahn; e finalmente, pelo desenvolvimento do Método Austríaco de Karl Gaulhofer, e Margarette Streichner (1919-1945 e de 1945 até nossos dias).

1.2 — EMPÍRICO-ANALÍTICA

É também denominada pragmático-tecnicista.

Optamos, para este trabalho, pelo termo "Empírico-analítico", por considerarmos que, epistemologicamente, este nome contempla a base do pensamento racionalista, que coloca a ciência (de concepção empírico-analítica) como instrumento de superação máxima de todas as deficiências e do programa social, pela evolução tecnológica e o aumento da produtividade. Esta vertente parece surgir nitidamente no final do século XIX, quando o método sueco é atacado por fisiologistas franceses que, preocupados com o desenvolvimento funcional (orgânico) do ser humano, e com apoio das técnicas de observação e a análise estatística (em franco processo evolutivo, encabeçam uma crítica contra a ginástica analítica de Ling e seus seguidores.

Marey e Demeny, fisiologistas da universidade da Sorbonne de Paris, céticos ao "artificialismo sueco", propõem que os fins da Educação Física não poderiam ser senão de ordem fisiológica e cientificamente legitimados, e passa a defender a construção de "uma ginástica científica" desprovida de toda consideração filosófica.

Para nós, a vertente empírico-analítica, segue uma linha de pensamento que considera que o homem já não deve ser guiado, como antigamente, por um ideal de homem. Agora, ele deve desenvolver-se de acordo com suas capacidades e aptidões naturais.

Sem mudar, em essência, as bases do desenvolvimento social de Spencer, a necessidade de reorganização dos fundamentos de redemocratização do ensino e da ordem econômica do pós-guerra a favor do modelo capitalista, passam a fundamentar o discurso idealista de que, somente através do crescimento econômico seria alcançada a felicidade coletiva, independentemente de classe social.

No Brasil, a partir da década de 50 (após o fim do Estado Novo), a corrente empírico-analítica se fortalece e se desenvolve plenamente, ajustando-se ao discurso e práticas necessárias para "modernizar" a sociedade no século XX, por parte de suas classes e interesses dominantes. Neste período, a Escola Superior de Guerra é encarregada desse trabalho de modernização, procurando não "perder" a continuidade do sistema sócio-econômico (capitalista-dependente) projetado para o País.

Ao nível de sistema educacional, surge o tecnicismo nos programas de desenvolvimento de currículo, fundamentado na proposta de R. Tyler, que é implantada no final dos anos 40, nos EUA, e nos anos 60 na América Latina. No Brasil, esta proposta é oficializada e instituída a partir das leis 5.540, de 1968, e 5.692, de 1971.

As bases do Currículo de R. Tyler se fundamentaram no conceito de planejamento estruturado de ensino e na busca de eficiência administrativa,

no sentido de formar educandos, de acordo com as necessidades da sociedade e do sistema produtivo. Bases estas surgidas no processo de Administração Científica, cujos princípios seriam estabelecidos por J.F. Bobbit, no início do século. Neste sistema, o ensino visa a uma formação técnico-científico-profissionalizante, desprovida de formação sócio-filosófica para reforçar os pressupostos da neutralidade da ciência nos estudantes e fomentar ideologicamente sua formação acrítica.

Como produto de todas estas idéias e práticas, vemos surgir na Educação Física, nos anos 40, a doutrina da Aptidão Física, nos Estados Unidos da América (EUA), sob os critérios científicos da Medicina Esportiva, como um dos meios de investigação aplicada ao serviço do esporte de alto nível e de superação das doenças hipocinéticas surgidas pelo modo de vida industrial.

Esta doutrina é transmitida ao mundo, e particularmente na América Latina, pela UNESCO, através de trabalhos de Educação Física divulgados pelo ICHPPER, sob a orientação fundamental da AAPHERD norte-americana, no final da década de 60.

No Brasil, o reflexo desta doutrina aparece como fundamentação em diferentes pareceres oficiais e no I Diagnóstico de Educação Física/Esporte, publicado por Lamartine em 1970, visando consolidar as bases mediante as quais as Escolas formadoras de professores deixariam sua prática "empírica" pelas bases científicas da Medicina do Esporte.

Surge, em consequência da concretização dessas políticas, uma formação pragmático-tecnicista em que a estrutura estaria fundamentada na Educação Física como meio e no esporte como fim, sendo o RENDIMENTO o principal fundamento de avaliação escolar.

Por outro lado, na Europa, nos anos 60, é divulgado o método de J. L. Bouch (Educação pelo movimento) fundamentado nos princípios da Psicomotricidade e no desenvolvimento do esquema corporal. Sua principal contribuição resulta da união do psiquismo com a motricidade repudiando o dualismo mente-corpo e considerando a criança como um ser global (psicocinético). Crítica os métodos FISIOLÓGICO-ADESTRADORES que não levam a uma participação reguladora e plástica da consciência.

De acordo com as características culturais e ideológicas de cada país, estas doutrinas, com seus respectivos métodos particulares, são implantadas no esquema da Programação de Currículo por objetivos, de Tyler. O da Aptidão Física, por exemplo, parece predominar no Brasil, e o segundo, em países como México, Argentina e outros.

Como produto disto, no Brasil aparecem, a partir dos anos 70, programas como Esporte para Todos, o método de Cooper, as academias esportivas

na sua versão moderna, o incentivo ao esporte escolar e ao esporte de alto nível com sua respectiva diversificação, sempre sob a tutela da doutrina de Segurança Nacional. Simultaneamente, são divulgados, em cursos de "reciclagem" e eventos de caráter científico, por entidades da sociedade civil, planos, programas, literatura e pesquisa em todo o País. Também é verificado o aumento indiscriminado de Faculdades de Educação Física particulares, em concorrência com a privatização maciça do ensino, em detrimento do oficial.

Finalmente, uma das características mais comuns das vertentes biológico-evolucionista e empírico-analítica aqui citadas é que suas propostas, muitas vezes assumidamente autoritárias, geralmente têm vindo mascarando práticas acríticas de desenvolvimento individualista do homem, e ocultando as condições materiais de desigualdade entre as classes sociais que impedem um crescimento mais equitativo entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Analfabetismo, pobreza, precárias condições de saúde, não — aplicação de recursos na área social, arrocho salarial, incentivo à privatização continuam sendo variáveis em constante aumento no seio da sociedade latino-americana.

2 — FASE MATERIALISTA HISTÓRICA

Prática fundamentada nos princípios do materialismo dialético, desenvolvidos por filósofos como Heráclito, Descartes, Diderot, (mat. mecanicista), Hegel (mat. idealista), Marx e Engels (Materialismo Histórico), Lenine (Marxismo.-Leninismo), Mao-Tse Tung, Gramsci (filosofia da práxis) e outros.

Marx e Engels, através da análise da Economia Política de sua época, estabelecem as bases fundamentais do método científico necessário para a análise dos fenômenos sociais tal como hoje o conhecemos. O aprimoramento do método deve-se ao progresso das ciências e ao desenvolvimento do capitalismo no fim do século XVIII e nas primeiras décadas do XIX.

Sua base fundamental radica-se no fato de que o universo é de natureza MATERIAL e, portanto, a natureza e a sociedade se desenvolvem segundo as leis da matéria em movimento. Neste sentido, algumas de suas muitas características são que:

- a) as idéias são produto de nossa relação (reflexo do movimento da matéria (realidade), no cérebro do homem e não, ao contrário, como o idealismo prega. A realidade objetiva existe independentemente de nossa consciência que a reflete (a natureza é o dado primário e a consciência, derivado do primeiro);
- b) a natureza e a sociedade são dois aspectos do mesmo fenômeno (a materialidade do mundo)

e, portanto, capazes de serem perfeitamente cognoscíveis pela aplicação das leis da dialética, através dos respectivos métodos e técnicas particulares das ciências;

c) o movimento humano não pode ser considerado dualisticamente (físico 'natureza' mental 'espírito'), ele é reflexo de nossa realidade concreta. Portanto, se a consciência sai desta realidade, ela pode refletir corretamente as leis da natureza e da sociedade - é a dialética das coisas que produz a dialética das idéias e não inversamente;

d) o movimento humano reflete uma determinada consciência de classe social, seus interesses e seus valores, porque o homem é um ser no mundo que define sua posição mediante uma prática, seguindo referenciais valorativos que configuram, assim, sua experiência e suas perspectivas de desenvolvimento individual e social;

e) não existe neutralidade científica e/ou política; nossa prática reflete uma intencionalidade político-pedagógica adquirida inconscientemente (ingenuamente) ou conscientemente (interesses de classe).

Com base nestas premissas, podemos considerar a prática do educador dentro de 3 esferas intimamente ligadas:

1 — a aula vinculada ao desenvolvimento da personalidade do ser social, num ambiente crítico, onde a riqueza cultural se estabeleça como trampolim para a crítica;

2 — a pesquisa científica, e

3 — a prática social, da qual dependem as outras duas, como, por exemplo, a luta de classes, mais especificamente denominada prática político-pedagógica.

A prática político-pedagógica segue alguns caminhos de pesquisa e intervenção que se refletem diretamente nas duas primeiras esferas mencionadas:

a) análise crítica das estruturas de poder e dos mecanismos de dominação como a instituição escolar, o sistema educativo em sua totalidade, a repressão sexual, as políticas de controle social, etc.;

b) envolvimento direto com movimentos sociais que, ao tentarem se reapropriar de sua identidade e autonomia, questionam o modo de organi-

zação dominante e inventam novos contextos de vida, de trabalho e de produção de conhecimentos (um exemplo desta dimensão pode ser constatado quando o professor de Educação Física na escola se organiza e se mobiliza, frente a outros professores e dirigentes da instituição, na procura de um trabalho crítico, interdisciplinar e contextualizado historicamente, na busca de soluções dentro de sua realidade concreta de trabalho);

c) existe uma ciência natural e social que deve ser aplicada interdisciplinarmente na realidade social determinada, indo da prática ao conhecimento, depois, do conhecimento à prática, em um movimento cíclico sem fim, elevando-se, em cada estágio, o conteúdo de cada ciclo, em função de suas determinantes históricas, visando a eliminar, com isto, a aplicação acrítica de receitas pedagógicas (planos ou programas acabados, trazidos do exterior e/ou implantados autoritariamente, de cima para baixo).

Nessa perspectiva filosófica, a Educação Física, no Brasil, segue os rumos da pedagogia do diálogo de Paulo Freire, a pedagogia crítico-social dos conteúdos, de Dermeval Saviani, e/ou a pedagogia do conflito, de Moacir Gadotti, todas elas fundamentadas no Materialismo Dialético como pedagogia de resistência e transformação social(5).

Na Educação Física, apesar de encontramos literatura marxista desde 1955, encontramos, principalmente, nos anos 70 e 80, o surgimento de trabalhos de pesquisa na área, que, com bases metodológicas, passam a analisar e a procurar desmistificar a pedagogia oficial. Historicamente, ela se apresenta em duas fases intimamente ligadas. Primeiro, uma fase de prática e aquisição de conhecimento seguida da pesquisa de DENUNCIA. Mais recentemente, uma fase de reorganização teórica e prática que visa REINVENTAR a prática da Educação Física fora dos traços característicos da pedagogia dominante: autoritarismo, individualismo, alto rendimento e vitória a qualquer custo.

O materialismo, como prática filosófica de vida ligada ao desenvolvimento do socialismo, tem passado por grandes momentos de crise, que refletem problemas atuais, relativos à defesa de suas teses fundamentais e práticas sociais.

A transformação, por parte da ortodoxia soviética, do materialismo dialético numa metafísica que Marx e Engels propuseram dismantelar, somada

(5) Obviamente, estas propostas pedagógicas divergem entre elas, segundo as concepções e metodologias particulares de cada autor. Como exemplo podemos citar uma das críticas feitas a Paulo Freire por Dermeval Saviani, que menciona ser somente através da obra "Ação cultural para a liberdade", que consegue detectar uma abordagem dialética da educação no autor, até então não configurada em suas outras obras; "há, sim, referência à dialética, mas é uma dialética idealista, uma dialética de consciências" (Saviani, 1991, 73), e finaliza mencionando que o texto de Freire é inspirado na experiência maofsta da Revolução Cultural chinesa.

ao fortalecimento do sistema capitalista e suas práticas autoritárias, tem levado os estudiosos contemporâneos do socialismo a reformular e procurar avançar, na compreensão e aplicação crítico-social das teses fundamentais do materialismo, junto à desmistificação das bases e práticas dos seguidores do idealismo.

Neste sentido, para quem acredita e luta pela transformação da ordem social, por meio de uma PRÁXIS HUMANA eminentemente socialista, sua opção requer que se lide constantemente com aqueles conflitos e contradições situados historicamente, e que nos impedem de crescer enquanto seres humanos, procurando, no entender de Manuel Sérgio, "construir uma ciência do homem(...) que não seja um conjunto planejado de exercícios a repetir-se indefinidamente, mas o desenvolvimento do sentido que se cria, no meio do sem-sentido aparente da vida rumo à transcendência".

BIBLIOGRAFIAS

- BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. RBCE (7) : 62-68. 1986.
- CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: A história que não se conta. Dissertação de Mestrado. PUC/SP. 1980.
- CAVALCANTI, K. B. Esporte para todos: um discurso ideológico, São Paulo. IBRASA. 1984.
- COSTA FREIRE, J. Ordem médica e norma familiar, Rio de Janeiro. Ed. Brasili, 1983.
- DIECKERT, J. (ORG.) Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia. Rio de Janeiro. Ao livro Técnico, 1985.
- FARRIA JR., A. (ORG.) Fundamentos pedagógicos: Educação Física, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986.
- FERREIRA, V.C.L. Prática da Educação Física no 1º Grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação. São Paulo, IBRASA, 1984.
- ENGELS, F. Do socialismo utópico ao socialismo científico, São Paulo, Global Ed., 1980.
- GOLDAMNN, Lucien. Ciências e Filosofia: O que é Sociologia. São Paulo. DIFEL, 1980.
- GHIRALDELLI, P. Educação Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira, São Paulo, Ed. Loyola, 1988.
- HILDEBRANDT, R. Concepções abertas no ensino da Educação Física. Rio de Janeiro. Ao livro técnico, 1986.
- LEFEBVRE, H. O Marxismo, São Paulo, Difel, 1974.
- KORCH, KARL. Marxismo e Filosofia, Porto, Ed. Afrontamento, 1977.
- MARINHO de Oliveira, Vitor. Educação Física: ideologia e contra-ideologia, Rev. Artus 21-22 (72-74), dez. 1989.
- MEDINA, J.P. A educação Física cuida de corpo... e mente. São Paulo. Papyrus, 1983.
- MEDINA, J.P. O brasileiro e seu corpo. Campinas. Papyrus, 1979.
- MUNOZ Palafon, Gabriel. Educação Física no Brasil: Aspectos fisiológicos-pedagógicos subjacentes à política nacional em ciência e tecnologia para esta área no período 1970-1985. Dissertação de mestrado PUC/SP. Abril 1990.
- SÉRGIO, M. A motricidade humana - Uma revolução científica - Rev. MOTRIVIVÊNCIA, Ano II n° 3 - Janeiro, 1990.
- SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar. In: Pensando a Educação, São Paulo. UNESP, p.23-33, 1989.
- SOBBRAL, F. Introdução à Educação Física. 2 ed., Lisboa. Horizonte, 1984.
- SUCHODOLSKI, B.A. A pedagogia das grandes correntes filosóficas. Lisboa. Horizonte, 1984.
- TAFFAREL, C.N.Z. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1985.